

Pai lança livro infantil inspirado nas dificuldades da mobilidade sem carro no Porto

written by O Cidadão | 3 de Setembro, 2023



“O livro nasceu da necessidade grande que eu senti de falar sobre mobilidade ativa, depois de ter morado quase quatro anos na Holanda [Países Baixos] e, em seguida, me ter mudado para o Porto, em Portugal”, explicou o brasileiro de 40 anos, ex-jornalista do portal Terra e da Globo, que trabalha agora em ‘marketing’.

À frente de casa onde viviam, em Amesterdão, “havia apenas uma ciclovia e, de seguida, um parque”, e mal a família abria a porta, o filho, Tom (com o mesmo nome da personagem principal da obra), “podia sair a correr, sozinho, uma coisa que é totalmente inimaginável aqui”.

“Foi baseado nessa experiência que comecei a escrever o livro, e usei uma cantiga brasileira que é ‘Se essa rua fosse minha’ como uma referência também, adaptando para um cenário mais moderno”, cujas ilustrações são inspiradas nas casas da cidade do Porto.

Com 40 anos, o pai do pequeno Tom conta que ao chegar a Portugal, mais concretamente ao Porto, sentiu “um retrocesso muito grande **nessa questão de mobilidade**”, uma experiência “*muito pior do que imaginava*”.

“Eu vim do Brasil antes de morar na Holanda, e então eu tenho essa experiência de como é no Brasil, que também é bastante similar a Portugal, mas a minha expectativa é que aqui estivessem em andamento já, em evolução”, disse Peter Füssy sobre dinâmicas de mobilidade suave.

Admitindo que “*é difícil de comparar com a Holanda, porque a Holanda é uma coisa muito incrível mesmo*”, Peter Füssy conta que a **família de três elementos não tinha carro** (andava a pé, de bicicleta, de autocarro, de metro e de comboio), um plano que pretendiam manter quando chegaram a Ramalde, no **Porto**, há um ano e meio.

Porém, logo na primeira saída em família, rumo a Serralves, ainda com o filho em carrinho de bebé, constataram que “*o caminho às vezes não tinha calçada [passeio]*” e tinham “*que andar com o carrinho do Tom na rua, no meio dos carros, e quando tinha calçada era inacessível*”, obrigando os pais a levantar o carrinho múltiplas vezes.

Outra questão foi **levar o cão até Serralves**, já que “*o cachorro não podia entrar no parque, que é outra coisa que também que na Holanda é impensável*”, constatando também que há parques infantis com horários de funcionamento e grades, “*um grande choque na liberdade*” do seu filho, já que nos Países Baixos “*os parques não são fechados e não têm grades*”.

“Se pensar no Brasil, é provável que tenha razão”, mas “*em Portugal não tem esse nível de pessoas em situação de rua, de pobreza, de violência e de criminalidade*” que justifique as grades, falando numa “*coisa muito mais cultural de cercar as propriedades, uma coisa muito mais antiga, do que realmente necessária hoje em dia*”.

Ao observarem que a **mobilidade a pé** era dificultada, começaram a andar de **autocarro**, mas a **pouca frequência do serviço e horários pouco fiáveis** fizeram com que a experiência fosse “inviável”, e o uso de **TVDE levou a alguns conflitos relacionados com o transporte de bebés e do cão**, apesar de terem uma **boa experiência no metro**, que fica a 20 minutos de casa.

Falando na “*diferença brutal*” entre as realidades civilizacionais neerlandesa e portuguesa, o também dinamizador do projeto **Derrotando o Trânsito** (presente nas redes sociais) observa que, no Porto, “*toda a mobilidade é pensada para o carro*”, e “*para o peão e para o ciclista ficam as sobras*”.

Apesar de defender a **mobilidade suave**, Peter entende “*completamente*” quem é “*resistente a sair do carro, porque realmente tudo é arquitetado, construído, para que o carro pareça ser a única saída*”, reconhecendo que também já foi “*essa pessoa*”.

“*O que muda a sua cabeça acho que é realmente experimentar. Se não tiver a infraestrutura para isso, ninguém vai experimentar*”, considerou, frisando que andar de bicicleta no Porto com o seu filho, “*como no Brasil, é um modo de resistência e de tentar mostrar às pessoas que existe outra possibilidade*”, apesar de não se “*sentir seguro*”.

Peter Füssy não vê a criação de infraestruturas de mobilidade suave como um capricho de “*liderança ou inovação*” cosmopolita, mas antes a sua ausência como uma pragmática “*perda de qualidade de vida para toda a população*”, já que também se melhora a cidade para quem “*quiser continuar dirigindo [a conduzir]*”.

O autor admite ainda que os políticos **estejam reféns dos votos dos automobilistas**, sendo necessária “*coragem de ir contra essa resistência*”, já que depois de verem as melhorias, “*aí a coisa do voto vira, porque as pessoas vão querer votar no político que promoveu aquelas mudanças*”, esperando ainda um

movimento global que leve à mudança nas “*idades mais resistentes*”.

Peter Füssy considera também que o uso do carro se tornou uma “**questão cultural**” num “ecossistema pouco ‘eco’”, envolvendo construção civil, indústria automóvel e petrolíferas, com consequências **financeiras** para os próprios utilizadores, já que “*o carro em si tem um custo muito alto de compra, de manutenção, de seguro, de combustível*”.

“Liberando as pessoas desse custo financeiro que é imposto, porque você é obrigado a andar de carro, você também libera as pessoas para fazerem outras coisas com esse dinheiro: lazer, cultura, outro tipo de consumo que as pessoas quiserem fazer”, resultando num aumento de “qualidade de vida”.

O livro “**Se a Rua Fosse Minha**”, editado pela Tudo! em português, espanhol e inglês, tem ilustrações de **Thaís Mesquita**, dirigindo-se “*a crianças a partir dos dois anos com leitura dos pais, e a partir dos seis e sete anos com leitura individual*”.

A narrativa começa em tons cinzentos “*para mostrar mesmo que essa é a sensação feita da cidade para carros*”, evoluindo para **tons coloridos** à medida que “*o Tom, o personagem principal, consegue ir mudando e a rua é estruturada, passa a ganhar cores e a ganhar vida*”.

OC/Jorge S Eusébio/Lusa